

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília

Class.: Antropólogos 85

Data: 4 de Março de 1984

Pg.: _____

4/68 O Índio - o holocausto à brasileira

Rafael José de Menezes Bastos,
Coordenador Geral da ABA-DF

"Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal. Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

... Ainda vai tornar-se um Império Colonial."

(Chico Buarque e Ruy Guerra)

Numa das páginas mais lúcidas que se escreveu sobre a questão do racismo, Jean Paul Sartre coloca a guerra colonialista do estado francês contra a libertação da Argélia no mesmo plano da ocupação alemã de França, equiparando a natureza dos dois fenômenos à do etnocídio nazista dos judeus. Com isto, o que Sartre magistralmente mostra é que o etnocídio não tem compromisso com nenhuma essencialidade nacional específica: a vítima de ontem pode transformar-se no verdugo de hoje, e vice-versa.

Os brasileiros nos acostumamos a ler apenas no passado o tentacular holocausto que nos já quase cinco séculos de nossa história se produz contra centenas e centenas de povos a que nos habituamos a simplisticamente chamar de "índios". Tal simplificação é comprometida com a obscuridade e a complacência, pois a fusão, numa massa única e indivisa, de tantos povos — tão diferentes entre si como, por exemplo, os Xavantes e os Guaranis — torna seu extermínio menos formidável e, assim, moralmente mais suportável. A colocação no passado do assassinato atroz — tão competentemente subsidiada pelo sistema educacional: os índios "eram", "tinham", "pescavam", "caçavam", "acreditavam", etc. etc. — por outro lado nos adormece a consciência quanto à liquidação presente. Desta maneira, sem maiores horrores, somos capazes de saber que matamos cerca de um milhão de índios por século. E mais os muito mais que deixaram de nascer!

Quem, no entanto, não se satisfaz com a falsificação da verdadeira realidade dos fatos, verá que aqui e agora o holocausto é muito mais poderoso que o do passado. Tão mais poderoso quanto mais rápida e letal é a destruição da floresta Amazônica, se comparada à da Atlântica: o que antes se fez em séculos, perpetrar-se agora em décadas, anos, dias: do machado à serra elétrica. Da catequese ao "desenvolvimento nacional" e, aí, à legalização da invasão dos territórios indígenas para a mineração, a construção de estradas e barragens, a prospecção de petróleo e o agro-business.

Há alguns meses atrás, o Congresso Nacional foi palco de uma grande comção política: o Deputado Mário Juruna, assumindo o referencial de cinco séculos de história brasileira com relação aos índios, chamou de "ladrões" todos (quer dizer, a estrutura) os ministros de estado. Estes, manipulando a acusação para o plano meramente conjuntural de suas individualidades, intentaram providências que tinham como finalidade a cassação do mandato do parlamentar. Isto não se concretizou porque Mário Juruna, em carta-réplica, explicou que o seu discurso se estabelecia no plano histórico e político-social, seu objeto sendo, portanto, as concretas relações existentes entre índios e "civilizados" no decorrer desses cinco séculos. Enfim, re-disse, o Deputado Juruna, o que antes tinha dito. E o poder, então, não mais se sentiu amofinado.

O nexa da luta indígena é o nexa da luta contra o holocausto. É a resistência contra a extinção, o extermínio, o des-terro e a ocupação colonialista. É, também, contra todo tipo de "consciência" complacente e obscurantista com relação a isto. Embora específica, esta luta tem sua viabilidade dependente da efetiva e geral democratização deste País. A campanha suprapartidária pelas eleições diretas em todos os níveis é aqui, portanto, fundamental. Para o índio, no entanto, esta democratização só se traduzirá verdadeira quando a pluri-étnica congênita do Brasil encontrar a justa correspondência política, econômica e social. Isto para longe de toda escamoteação de "democracia racial". A luta contra o holocausto indígena, então, é a luta contra o colonialismo interno. O intelectual Guarani, Marçal, recentemente assassinado, de maneira brutal, pela repressão no Mato Grosso do Sul, nós dá a sua senha final: "Venceremos o Governo e a Funai".

Associação Brasileira de Antropologia
Seção Regional do Distrito Federal
Caixa Postal, 15-2867. CEP: 70.919.